

12-2004

"As árvores novas asseguram a sobrevivência da Floresta": P.A.C uma jovem Província

Lambert Ndjana

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Ndjana, L. (2004). "As árvores novas asseguram a sobrevivência da Floresta": P.A.C uma jovem Província. *Missão Espiritana*, 6 (6). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol6/iss6/9>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

“as árvores novas asseguram a sobrevivência da floresta” P. A. C., uma jovem província

Caminhando como os discípulos de Emaús depois dos acontecimentos de Jerusalém, os Camarões, a África Central, o Congo Brazzaville e o Gabão, depois dos acontecimentos de 1999, caminham para uma expressão mais autêntica do nosso carisma espiritano. Chegados ao Gabão em 1844, ao Congo Brazzaville 1883, à África Central em 1889 e aos Camarões em 1916, continuam ainda hoje presentes nestes países: que alegria!

1999, O acontecimento

Em 1977, o fogo do Pentecostes brilhou com um esplendor particular no coração de África: os Africanos comprometeram-se então a receber das mãos dos seus irmãos mais velhos ocidentais a tarefa de levar a chama missionária: “*as árvores novas asseguram a sobrevivência da floresta*”. E a 23 de Maio de 1999, dia de Pentecostes, foi proclamado o nascimento da PAC, por vontade dos originários, com o acordo dos afectados e a decisão dos Superiores da Congregação.

Este novo rosto da missão espiritana na África Central é fruto de uma aliança entre os quatro Distritos então existentes, de uma parte (Camarões, Centro Africana, Congo Brazzaville e Gabão) e da Fundação da África Central (Casas de Formação), de outra parte: longas diligências, emaranhado de reflexões, hesitações, análises, oração. Aceitamos assim colocar as nossas forças em comum para melhor gerir o futuro da presença espiritana na África Central e do nosso serviço missionário no seio da nossa Congregação.

Desde o seu nascimento até hoje, cinco grandes acontecimentos marcaram a vida da Província: o 1º capítulo provincial em Libreville em 1999, a visita do Conselho Geral em 2000, O Conselho Geral

“a 23 de Maio de 1999, dia de Pentecostes, foi proclamado o nascimento da PAC”.

“colocar as nossas forças em comum para melhor gerir o futuro da presença espiritana na África Central”

* Lambert Ndjana, Provincial da P.A.C.

Alargado em Pittsburgh em 2001, o Conselho provincial Alargado em Ngoya, nos Camarões em 2002 e a celebração dos 300 Anos da Congregação, especialmente com a Missa transmitida na Eurovisão a partir do Santuário Mariano de Yaoundé, nos Camarões, através da qual quisemos mostrar que a Congregação do Espírito Santo tem um passado, um presente e um futuro. Esta Missa existe em vídeo e CD.

A PAC a caminho

Deixando os números falar, a PAC – Província com quatro Regiões – é um conjunto considerável de quatro países da África Central, com uma superfície total de 1.708.083Km², e uma população de 27 milhões de habitantes, 42 dioceses e 2 Prefeituras Apostólicas, um efectivo de 239 membros, dos quais 159 originários (juridicamente) da Província, vindos de 7 países (os 4 da Província e, ainda, do Congo Democrático, da Guiné Equatorial e do Senegal), 80 estão nomeados na PAC (59 das circunscrições do Norte, 21 das do Sul), 93 estudantes (67 professo, 9 noviços e 17 postulantes). Em resumo, vimos de 13 países de África e da Europa e missionamos em 17 países, de África do Oceano Índico, da Europa, da América Latina e da Ásia.

a) A sua natureza intercultural e internacional

“A PAC acolheu, como membros, confrades de diversas culturas.”

A PAC acolheu, como membros, confrades de diversas culturas. As estruturas levantadas ajudam os membros dos diferentes países a poderem guardar a sua identidade, dando pouco a pouco atenção a uma autonomia relativa das Regiões, cada uma com a sua própria organização e salvaguardando os mesmos meios de formação.

“O nosso sentido de universalidade e já de africanidade ganha corpo na nossa procura de proximidade e fidelidade no seio de outras populações que não as nossas:”

O nosso sentido de universalidade e já de africanidade ganha corpo na nossa procura de proximidade e fidelidade no seio de outras populações que não as nossas: Europeus e Africanos vindos de outras circunscrições vivem na PAC; Camaroneses estão na África Central, no Congo e no Gabão; os da África Central, no Congo e no Gabão; Centro-africanos vivem nos Camarões e no Gabão; os Congolezes, trabalham nos Camarões, na África Central e no Gabão; os Gaboneses na África Central... É de notar que a Província é largamente internacional: Africanos e Europeus partilham a mesma vida comunitária e trabalham juntos.

b) Um projecto missionário

À luz de Maynooth e de Pittsburgh, a PAC baseou o seu projecto

missionário no envio dos confrades ad extra e no serviço das Igrejas da África Central. Num relance sobre estes três anos, a Província tomou consciência que devia antes de mais ter em conta as evoluções dos países da sub-Região, das Igrejas locais e da diminuição considerável dos seus membros.

A PAC sentiu, assim, necessidade de enraizar melhor a árvore para melhor colher os seus frutos no momento devido. Também o Conselho Provincial Alargado pediu uma melhor visibilidade espiritana no número de confrades presentes na África Central, graças aos lugares espiritanos próprios pela qualidade da vida comunitária. Além disso, a Equipa provincial deve velar pelas seguintes prioridades: o serviço de libertação, concretamente no mundo da educação e da saúde, o serviço paroquial, que deve ser continuado em função das necessidades das Igrejas locais, a qualidade das comunidades de acolhimento. Estas prioridades devem ser definidas em diálogo com as Igrejas locais e em função do carisma espiritano.

Sendo herdeiros de compromissos missionários tomados pelos Distritos, que formam as actuais Regiões, é com muita alegria que passamos um momento com esses confrades que se encontram em meios difíceis por falta efectiva de obreiros locais: no Norte dos Camarões, em meio muçulmano, no Leste dos Camarões, no meio dos pigmeus Baka; no Norte do Congo Brazzaville; no Leste da África Central; no Sul do Gabão... É com muita alegria que descobrimos as experiências destes confrades ao serviço dos doentes, em Libreville e Port-Gentil, no Gabão; no Yaoundé, nos Camarões; em Brazzaville, no Congo; e em Bangui, na República Centro Africana, com a triterapia em benefício de uma trintena de mulheres atingidas pela SIDA; junto das Crianças da Rua, em Brazzaville, no Congo, em Libreville, no Gabão; e enfim, o grande trabalho de formação e de ajuda de inserção profissional de jovens pobres, no centro Sala Ngolo, de Dolisie, no Congo: o delegado regional trouxe elementos audiovisuais.

A alegria da nossa missão caracteriza-se, também, pelas respostas que damos aos apelos escutados. Estes apelos vêm da Casa Generalícia, das outras circunscrições espiritanas e das Igrejas da África Central. No caso concreto do nosso novo projecto na Guiné Equatorial, no seguimento do acordo com a Casa Generalícia, optamos, a despeito dos nossos meios financeiros muito limitados, por uma paróquia, respondendo o melhor possível ao nosso carisma espiritano.

Sentimo-nos felizes por estarmos em paróquias ou outros serviços da Igreja (formações diversas, encontros inter-religiosos, centros de educação, novas iniciativas nos campos de saúde, social, refugiados), pois aparece claramente que a nossa vocação de espiritanos da África Central é muito mais necessária hoje do que no passado, excepto na época dos nossos antecessores mais velhos, oriundos essen-

“A alegria da nossa missão caracteriza-se, também, pelas respostas que damos aos apelos escutados.”

“Os jovens comprometem-se no apostolado com disponibilidade, convicção e generosidade.”

cialmente do Ocidente. Os jovens comprometem-se no apostolado com disponibilidade, convicção e generosidade. Podemos responder aos desafios próprios da nossa situação na sub-região se formos pessoas de coragem, que ousam largar compromissos antigos para estar livres para assumir novas iniciativas, que estão dispostas a fazer experiências novas e arriscarem-se ao fracasso, preocupando-nos principalmente com aqueles e aquelas que sofrem a ausência de sentido para a vida no nosso continente: jovens diplomados sem trabalho, os excluídos de grandes e pequenas cidades, os doentes de SIDA, toda a área da educação em geral e da escolarização em particular, o vastíssimo campo das crianças da rua nas grandes cidades, o pulular de grupos religiosos destruindo os pobres e os frágeis do nosso novo mundo... convencidos de que não podemos ser livres sozinhos, não seríamos capazes de dar resposta sem oferecermos uns aos outros, confiança e coragem.

c) Uma animação cuidadosa para salvaguardar a unidade na diversidade.

Se é verdade que as estruturas de animação funcionam, e estão bem organizadas, também não é menos verdade que um certo número de confrades que estão no termo, de modo particular os que são originários da Província, face à nova realidade surgida da fusão dos Distritos e à fusão da Província da África Central, não tem praticamente ainda esta visão das coisas. A Província é ainda entendida por alguns como uma estrutura distante, donde ressaltam sobretudo inconvenientes, como por exemplo, a exigência duma maior solidariedade financeira para manter a administração provincial e sobretudo as casas de formação.

“a pertença regional parece sobrepor-se à provincial, terminada a formação inicial.”

Quanto aos originários da Província, se a pertença jurídica provincial é perfeitamente evidente, a articulação de identidade entre a Região de origem e a Província não o é da mesma forma. Acontece o mesmo com o estatuto do provincial que é superior maior e o das regiões que não o são. De facto, a pertença regional parece sobrepor-se à provincial, terminada a formação inicial.

A vista disto, permanece para a administração provincial o desafio de valorizar os aspectos positivos da nova realidade provincial, de procurar pelos mais diversos meios dá-los a conhecer aos confrades que estão no terreno e assim reforçar a consciência de pertença a uma mesma Circunscrição. Alguns meios ajudam-nos a isso: visitas regulares aos confrades por parte dos membros da administração provincial, um boletim provincial, do qual nos orgulhamos pela sua regularidade, boletins regionais, encontros de confrades no interior das Regiões.

Falta ainda tornar possíveis os encontros de confrades pertencentes a diversas Regiões com um compromisso apostólico semelhante que seja significativo da nossa missão espiritual, como por

exemplo a presença no mundo islâmico, o apoio a inserção profissional dos jovens, a pastoral das minorias éticas ou sociológicas, o trabalho com as crianças da rua....

Um outro desafio ainda é o custo da administração provincial – as viagens e as visitas dos membros da administração, dos jovens em formação inicial, dos confrades em primeira afectação; as reciclagens.

Desde o início, com os meios financeiros limitados de que dispunha, a PAC optou por não fazer uma construção nova para albergar a sua administração. Foi assim que ficou alojada numa ala da Procuradoria das Missões em Douala.

d) Uma formação única

Para além do despertar de vocações e do ano efectivo de postulado, acolhendo também estudantes das dioceses do Gabão e de alguns Institutos religiosos da região, temos o Noviciado em Mbal Mayo, nos Camarões, um ano de estágio missionário e a teologia em Ngoya, nos Camarões. Regista-se geralmente uma presença generosa de jovens que têm necessidade de ser bem formados na vida espiritual.

Acolhemos também estudantes de outras circunscrições de África. Reconhecendo assim a confiança em nós depositada pelas circunscrições ao confiarem-nos jovens para a formação, é necessário sublinhar o carácter enriquecedor desta iniciação à vida espiritana em interculturalidade e internacionalidade. Esta situação convidanos a prestar uma atenção muito particular às equipas de formadores de cada uma das etapas de formação, tanto em qualidade como em quantidade. Podemos também assinalar outras razões de alegria no aspecto da formação: o cuidado de viver como uma família, o compromisso dos jovens ao assumirem responsabilidades na gestão das casas de formação e na vida comunitária, um certo espírito de criatividade dos jovens em formação, a ânsia de conhecer, a regularidade do Encontro anual dos formadores, a unificação da teologia...

No que diz respeito à formação contínua os formadores em Brazzaville, no Congo, em ligação com o Conselho Geral, estamos empenhados em fazer funcionar a conferência pan-africana dos superiores maiores e dos formadores.

Apesar de tudo o que foi dito, não conseguimos ainda quebrar o receio do amanhã – por isso não aceitamos jovens durante 2 anos, por falta de fundos para suportar a sua formação; as estruturas de formação estão ainda em construção.

e) Situação financeira preocupante

Apesar dos esforços feitos, a autonomia está longe de ser conseguida e este assunto é muito preocupante. Província jovem em nítido crescimento, permanece a preocupação de angariar fundos e

“Regista-se geralmente uma presença generosa de jovens que têm necessidade de ser bem formados na vida espiritual.”

“não conseguimos ainda quebrar o receio do amanhã”

de os utilizar criteriosamente, afim de dar atenção à administração e animação provinciais, à formação inicial, à formação contínua e à formação de formadores, aos nossos idosos no fim da sua caminhada missionária.

Existem projectos significativos para maior autofinanciamento, mas infelizmente faltam-nos os meios para os viabilizar.

“Existem projectos significativos para maior autofinanciamento, mas infelizmente faltam-nos os meios para os viabilizar.”

À procura de uma expressão autêntica do nosso carisma espiritual

a) *Dinamismo missionário*

A PAC quer estar cada vez mais atenta às solicitações da missão, apesar da idade de certos confrades e de nos debatermos com dificuldades financeiras. Através das minhas visitas e da constatação do Conselho Provincial, constato que há uma clara procura de fortalecimento da fé, do carisma e da identidade espiritual, tanto na oração como nos encontros uns com os outros. É necessário fazer esforços, em todas as direcções, para solidificar a formação inicial e permanente, na melhoria do estilo de vida pessoal, numa melhor qualidade da vida em comunidade.

A procura deve continuar no sentido de redimensionar os aspectos duma missão apoiada nos recursos humanos, cujo dinamismo reside na qualidade de vida em comunidade, orientada sempre para a Missão, e que supõe uma animação vocacional específica, passando pela exigência de organização duma comunicação e de uma solidariedade reais entre as diferentes Regiões, tendo em vista comprometer todos os confrades e as comunidades cristãs nos cuidados do acompanhamento das vocações espirituanas.

b) *Compromisso de viver a pobreza nos contextos de subdesenvolvimento*

“o compromisso com a pobreza evangélica, é talvez aquele que fala mais alto à sensibilidade do homem contemporâneo”

Longe de mim ter a pretensão de querer estabelecer uma escala de valores entre os três votos e a vida comunitária, no entanto coloco a minha atenção na pobreza, porque me parece que o compromisso com a pobreza evangélica, é talvez aquele que fala mais alto à sensibilidade do homem contemporâneo e que é o mais apreciado sobretudo na dimensão da solidariedade para com os mais pobres. Ao percorrer as estatísticas da Congregação, não é segredo para ninguém que sobretudo em África, a vida religiosa espiritual conhece um notável florescimento. O voto de pobreza, num contexto sociológico de miséria, é difícil de compreender. São sempre necessárias alternativas para o libertar de muitos equívocos, que, muitas vezes, fazem com que a vida religiosa seja mal compreendida pelos fiéis das nossas jovens Igrejas das quais somos oriundos.

Trata-se duma problemática bem conhecida de todos nós aqui presentes. Assim o desafio dos desafios para mim assenta nas

seguintes questões: o que significa para os pobres o anúncio da pobreza religiosa? Qual é o sinal profético da pobreza religiosa em contextos de grande miséria? Parece-me que o conceito de pobreza religiosa não é objecto de compreensão imediata nestes meios e tem, necessidade de ser clarificado. Não é entendido como um valor, mas, pelo contrário, é sinónimo de indignância, de desgraça, de precariedade, de marginalização humana e social.

Poderia ainda acrescentar que o testemunho da pobreza religiosa que apresentam os religiosos nos meios onde há pobreza e miséria, não tem uma visibilidade clara e não raramente suscita desconfiança. As vocações provenientes das nossas jovens igrejas e que vivem em áreas sociais pobres não entendem facilmente o significado do voto de pobreza, dada a distância existente entre o seu nível de vida na Congregação e o contexto humano e social donde são provenientes e onde a família de origem, bem como a maior parte da população, continua a viver. Para estes candidatos, a vida religiosa espiritana é muitas vezes sinónimo de promoção social, com garantia suficiente de segurança e bem-estar. A sua vida material melhora, como ao mesmo tempo o nível cultural assegurado pela Congregação e até há diminuição de algumas incertezas relativas à vida quotidiana.

Ouvimos muitas vezes esta objecção: "os religiosos fazem voto de pobreza, mas são principalmente os simples fiéis que o vivem". A pobreza consagrada, perante o desafio da miséria, torna-se compreensível sobretudo na sua dimensão de solidariedade para com os pobres, de partilha de bens, de serviço ao bem comum, de compromisso em favor da promoção humana, de luta contra as condições do subdesenvolvimento. A pobreza como estado de miséria não é de forma alguma um valor a defender. A vocação cristã é sempre a de sair do subdesenvolvimento, de vencer a miséria, de se enriquecer para poder dar e partilhar com os irmãos os bens adquiridos.

Esta problemática poderia exprimir-se no binómio: bem-aventurança evangélica da pobreza – compromisso de produzir e enriquecer: "A felicidade do cristão consiste na partilha. Ora, para partilhar é preciso ter; para ter, é preciso produzir; para produzir em abundância, é preciso trabalhar racionalmente; para trabalhar racionalmente, é preciso organizar-se solidariamente" – assim gostava de frisar Jean Zoa, então bispo de Yaoundé.

A pobreza evangélica apresenta o paradoxo de exigir sempre uma riqueza para poder dar. "Cristo, que era rico, fez-se pobre para enriquecer os homens", "Claude Poullart des Places, era de família rica e recusou a riqueza para enriquecer os jovens desfavorecidos". O mistério da pobreza de Deus é tão grande como o da sua riqueza, entendida como plenitude de vida, plenitude de ser, plenitude de ter. Deus é o mais pobre, precisamente porque Ele é o mais rico e porque é o que faz dom da sua riqueza, ao ponto de se privar das

"a vida religiosa
espiritana é
muitas vezes
sinónimo de pro-
moção social,"

"A felicidade do
cristão consiste
na partilha."

prerrogativas divinas.

Não é esta pobreza que somos convidados a imitar? Não é ela que devemos testemunhar nos nossos compromissos? Deus chamamos a ser ricos, a participar da sua riqueza e da sua plenitude de bens. É à luz do mistério da "Kenose" de Jesus que de rico se faz pobre, revelando aos homens a realidade de Deus uno e trino, que nos é apresentado o mistério da sua pobreza no coração da riqueza infinita que é Deus.

"a pobreza consagrada é uma nova noção de pobreza"

Trata-se portanto de fazer entender aos jovens que a pobreza consagrada é uma nova noção de pobreza, tal como foi vivida e proposta por Jesus. Fora desta perspectiva onde a pobreza é sinal do dom da comunhão, ela permanece como uma realidade degradante, fruto de privações, opressão e injustiça, contra as quais é preciso lutar.

c) Unindo pobreza e autonomia financeira

Província jovem, estamos confrontados com um problema grave e urgente que é o do nosso autofinanciamento. Esta capacidade de sermos autónomos financeiramente não entra em contradição com o discurso da pobreza evangélica, antes pelo contrário é esta condição que a torna possível e autêntica. Com efeito, a nossa capacidade de autofinanciamento não é somente uma simples aquisição de bens materiais, mas também o sinal dum crescimento de comunidades testemunho, de uma caminhada para assumir a responsabilidade das nossas necessidades essenciais, caminho que exige não apenas esforços, sacrifícios, mudanças de mentalidade e de comportamento, mas também o erguer de estruturas apropriadas à nossa nova realidade.

O encontro com Cristo desperta as consciências, modifica os comportamentos, mantém um compromisso capaz de criar dinâmismos de desenvolvimento material, humano e espiritual. É só nestas condições que uma circunscrição jovem se torna capaz por sua vez de dar e de praticar autenticamente a comunhão e a solidariedade entre as circunscrições. Quer dizer que só um compromisso dos membros da PAC para a autopromoção e o desenvolvimento da nossa sub-Região, o nosso meio social, torna possível e autêntico o voto de pobreza. "Só o rico pode ser evangélicamente pobre". Não será para esta consciência que devemos formar os nossos noviços e os jovens professos, provenientes precisamente das nossas jovens Igrejas e dos nossos países pobres, se não queremos propor-lhes a hipocrisia de um compromisso pela pobreza, esvaziado de toda a realidade humana e teológica?

O desafio da pobreza consagrada face à pobreza teológica consiste, na minha opinião, em transformar a pobreza vivida como calamidade numa pobreza redescoberta como beatitude evangélica, que exige no entanto o maior compromisso possível para transfor-

mar as situações de miséria e para lutar contra toda a forma de indigência e de subdesenvolvimento.

Salientar este desafio significa apelar para um caminho de conversão dos próprios pobres, a fim de que deixem as exigências evangélicas definir a sua existência. Não é a precariedade, a ausência de bens que faz alguém feliz, mas sim a atitude fundamental que se assume perante as exigências evangélicas.

Os desafios que o subdesenvolvimento lança à vida espiritana não são de modo algum insignificantes. A miséria dos pobres, a vida e o compromisso ao lado deles ajudam-nos a redescobrir o aspecto teológico profundo deste compromisso evangélico, tal como o fizeram Claude Poullart e Libermann. Eles ajudaram-nos a compreender que pobreza evangélica não exprime só uma relação com os bens materiais nem aumenta na proporção da sua privação, a pobreza evangélica torna-se pelo contrário maior em ligação com a solidariedade vivida, com os bens partilhados com o dom de si mesmo, com o acto de fé, com o abandono a Deus.

Com todos os confrades do PAC, expressamos a toda a Congregação, ao Conselho Geral, às Circunscrições da Europa e das Américas e à Província da França em particular, o nosso reconhecimento e o agradecimento fraterno por todos os sinais de solidariedade e ajudas diversas feitas à nossa jovem Província. Ajudaram-nos, ajudam-nos e continuam a suportar a nossa busca de autonomia vital.

